

O CONCEITO DE *CAMPO* EM BAKHTIN E BOURDIEU PARA A ABORDAGEM DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NA ESCOLA

Neil Armstrong Franco de Oliveira *

Resumo: Este artigo é resultado de estudo cujo objetivo tem sido investigar o tratamento dos gêneros jornalísticos em sala de aula. Para tanto, recorremos ao conceito de *campo* em Bakhtin e Bourdieu, buscando uma reflexão acerca da relação campo e gêneros discursivos. Ambos formulam observações relevantes para esclarecer como os gêneros são condicionados pelas características do campo a que pertencem, como se relacionam entre si e com gêneros de outros campos. Sabemos que uma parte do repertório de gêneros discursivos utilizados pela escola, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa, é oriunda do jornalismo que, como todo campo, possui coerções inerentes ao meio em que circulam, (re)produzindo discursos dos diferentes momentos sócio-históricos e ideológicos.

Palavras-chave: Bakhtin e Bourdieu. Campo. Gêneros discursivos jornalísticos. Ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

THE CONCEPT OF *FIELD* IN BAKHTIN AND BOURDIEU FOR THE APPROACH OF JOURNALISTIC GENRES IN SCHOOL

Abstract: This article is the result of a study that aims at investigating the dealing with journalistic discursive genres in a classroom context. Thereunto, we recurred to the concept of *field* in Bakhtin and Bordieu, looking for a reflection on the relation between field and discursive genres. Both authors make relevant comments to clarify how genres are conditioned by the characteristics of the field they belong to, how they are related among themselves and also with genres from other fields. We know that a part of the discursive genres' roll used in school, mainly in Portuguese Language classes, comes from journalism, which, as any field, has coercions that are inherent to the medium in which they circulate, (re)producing discourses from different social-historical and ideological moments.

Keywords: Bakhtin and Bourdieu. Field. Journalistic discursive genres. Teaching and learning of Portuguese Language.

Introdução

O processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa (doravante LP), sobretudo com os documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (DCE), tem propiciado discussões na academia e na prática profissional em relação à abordagem dos gêneros discursivos, principalmente, na perspectiva do Círculo de Bakhtin. Teoricamente, preconiza-se o trabalho com uma diversidade de textos, buscando promover o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos. E, nesse contexto, os gêneros jornalísticos têm grande destaque, pela relevância do campo em que estão inseridos e por serem indispensáveis para a compreensão dos fatos do cotidiano e para a interação com o mundo. Contudo, na prática, estamos assistindo a uma pedagogia que considera os gêneros discursivos quase que

apenas no aspecto de organização textual, linguística e gramatical ou a uma transfiguração em nome de uma didatização promovida pela escola, principalmente nas páginas dos livros didáticos.

O conceito de gênero discursivo de Bakhtin tem sido levado a exaustão nas discussões sobre a necessidade de mudança de postura no ensino da LP. Assim, em relação aos gêneros, mais especificamente aos do jornalismo, temos feito ressalvas quanto ao trabalho realizado pela escola na utilização do conteúdo jornalístico sem a devida postura crítica, uma vez que se trata de discursos produzidos em diferentes momentos sócio-historicamente situados, determinados, justamente pelo campo de onde emergem. É essa determinação do campo, na sua relação com os gêneros, que parece ser negligenciada pela escola, na abordagem do conteúdo jornalístico. Isso significa afirmar, pelo que já pudemos constatar em nosso percurso, que os gêneros, independentemente do campo a que pertencem, têm sido trabalhados numa perspectiva ainda textual, sendo desconsideradas outras dimensões ensináveis.

Nesse sentido, intencionamos promover um diálogo entre Mikhail Bakhtin e Pierre Bourdieu, também estabelecido por outros estudiosos, a fim de buscar reconhecer a relevância do conceito de *campo* para a compreensão de que não se pode pensar na transposição didática dos gêneros jornalísticos, que são tratados, invariavelmente, como “matérias jornalísticas”, sem a devida relação que estabelecem com o campo onde são produzidos e de onde passam a circular. Trata-se, nesse caso, de uma reflexão teórica, resultado de investigação que temos conduzido sobre o tratamento dos gêneros discursivos do jornalismo na escola. Para tanto, fazemos uma aproximação entre os dois pensadores, reconhecendo que seus postulados contribuem para desmitificar a ideia de que o jornalismo representa o discurso da verdade, e que, transposto para a sala de aula, leva professores, muitas vezes, a prestarem um desserviço ao processo de desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. A título de ilustração do que propomos para essa reflexão, recorreremos a episódios da mídia jornalística que demonstram a relação campo e gêneros discursivos no tratamento dos fatos, sem aprofundamento na análise desses episódios.

O conceito de *campo* em Bakhtin e Bourdieu

Além de Bakhtin e seu Círculo (2003 [1953]; 2009 [1929]), Bourdieu (1983; 1997; 2004), formulou o conceito de *campo*, a partir de reflexões sobre ciência, arte, educação, literatura, economia, comunicação etc. O sociólogo francês constituiu uma relevante teoria social no final da década de 1970 em que desenvolveu o conceito para esclarecer os elementos das produções ideológicas dos diferentes espaços sociais e de seus agentes. Ao lançar questões para a compreensão do mundo científico, por exemplo, Bourdieu (2004) afirma a noção de campo ser a alternativa para escapar a duas correntes de interpretação das produções culturais das diferentes áreas: uma que sustenta que para compreender “a literatura e a filosofia basta ler os textos”, e outra, filiada ao marxismo, que preconiza “relacionar o texto e o contexto e propõe-se interpretar as obras colocando-as em relação com o mundo social e econômico” (BOURDIEU, 2004, p. 19). É no confronto dessas duas correntes que o sociólogo elabora sua hipótese sobre campo:

Entre esses dois polos, muito distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudentemente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário que chamo campo literário, artístico, jurídico ou científico, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. (BOURDIEU, 2004, p. 20, grifos do autor).

De acordo com o sociólogo, o campo designa um espaço com autonomia relativa, um microcosmo que possui leis próprias e que pode ter o grau de autonomia quantificado pela influência maior ou menor imposta pelo que ele denomina de macrocosmo. Este é um dos problemas evidenciados por Bourdieu: de que forma o microcosmo escapa às pressões externas e cria resistência para garantir sua autonomia e se valer das próprias leis e determinações internas. Seguimos com o exemplo do autor sobre o campo científico, um dos objetos de seus estudos:

Em outras palavras, é preciso escapar à alternativa da “ciência pura”, totalmente livre de qualquer necessidade social, e da “ciência escrava”, sujeita a todas as demandas político-econômicas. O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc, que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas,

sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizadas pela lógica do campo. (BOURDIEU, 2004, p. 21-22).

Essa lógica permite que o campo tenha a capacidade de refratar as pressões externas, e quanto maior o grau de autonomia maior o poder de refração dessas demandas exteriores ao próprio campo. Assim, um campo tem sua definição a partir “de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos” (BOURDIEU, 1983, p. 89).

De acordo com Hanks (2008), linguista antropológico americano, com base na teoria da prática de Bourdieu, um campo é uma espécie de organização social, com dois aspectos centrais:

[...] a) uma configuração de papéis sociais, de posições de agentes e de estruturas às quais estas posições se ajustam; b) o processo histórico no interior do qual estas posições são efetivamente assumidas, ocupadas pelos agentes (individuais ou coletivos). Por exemplo, se um professor exigente ou um estudante motivado são posições no campo acadêmico, estas posições são assumidas no decorrer das atividades situadas, tais como seminários de discussão, de classificação e de avaliação. (HANKS, 2008, p. 43).

Para o autor, a delimitação de qualquer campo não se dá por barreiras naturais ou materiais (como uma parede), e sim pelas restrições impostas pelos próprios ambientes institucionais do qual fazem parte seus agentes, e que acabam por determinar quem pode se engajar em que posições. E nessa perspectiva, é pela fala (discurso) que os agentes ocupam suas posições no diferentes campos, estabelecendo uma trajetória de perseguição de valores individuais e coletivos. Como afirma, para exemplificar, “um falante que produz discurso em um campo como a academia é moldado pelas posições que ele assume e as formas discursivas que tais posições produzem (HANKS, 2008, p. 44).

Um campo possui forças para lutar, conservar ou transformar as próprias forças. E cabe aos agentes do campo a tarefa de criar e sustentar esse espaço de força, a partir de suas ações e das relações objetivas mantidas entre eles, que acabam por determinar o que podem ou não fazer nas tomadas de decisão. Dessa forma, conforme enfatiza Bourdieu:

Só compreendemos, verdadeiramente, o que diz ou faz um agente engajado num campo (um economista, um escritor, um artista etc.)

se estamos em condições de nos referirmos à posição que ele ocupa nesse campo, se sabemos “de onde ele fala”. (BOURDIEU, 2004, p. 24-25).

Portanto, nem o campo nem seus agentes se orientam ao acaso. São movidos pelas relações de força, relações sociais de apropriação e controle das formas de produção e reprodução dentro do microcosmo. Isso não significa afirmar que esses agentes são sujeitos passivos, simplesmente conduzidos pelas forças do campo em que estão inseridos. Conforme Bourdieu, os agentes sociais possuem “disposições adquiridas” a que chama de *habitus*¹, “isto é, maneiras de ser permanentes, duráveis que podem, em particular, levá-los a resistir, a opor-se às forças do campo” (BOURDIEU, 2004, p. 28). Segundo o sociólogo, o funcionamento do campo está diretamente relacionado com a existência de objetos de disputa e pessoas dotadas de um *habitus* capazes de disputar o jogo e que permita conhecer e reconhecer as leis imanentes do campo em que se inserem. E complementa: “Todas as pessoas que estão engajadas num campo têm um certo número de interesses fundamentais em comum, a saber, tudo aquilo que está ligado à própria existência do campo” (BOURDIEU, 1983, p. 90).

Grillo (2006), em estudo sobre a noção de esfera²/campo em Bakhtin e Bourdieu e a relação com os gêneros discursivos, faz um paralelo entre esses dois autores de destaque do Século XX e afirma que ambos deram relevantes contribuições para as Ciências Humanas e Sociais, deixando um legado de conceitos e métodos para o entendimento dos fenômenos relacionados à linguagem e suas implicações socioideológicas. Para Hanks, uma abordagem conjunta a partir da poética sociológica de Bakhtin e da teoria da prática de Bourdieu torna-se “coerente e reveladora quando combinadas” para analisar as produções discursivas dos diferentes campos sociais (2008, p. 69).

Assim, é que procuramos aproximar os dois pensadores e “combiná-los”, de forma a considerar que é na articulação do que representa o conceito de campo para Bakhtin e Bourdieu que podemos compreender o funcionamento do campo jornalístico e de seus gêneros e sinalizar para uma espécie de advertência pedagógica no uso desses gêneros na escola. Na formulação do conceito de campo e com a inserção do sujeito como participante de contexto sócio-histórico e ideológico, houve a necessidade, por Bourdieu, da recusa da visão estruturalista da linguagem, teoria que considerava o sujeito “assujeitado” e uma ordem social “sem

sujeito”. Já para Bakhtin, segundo Grillo, a noção de campo surge para se referir ao que os filósofos do Círculo denominaram de formação social, com suas manifestações e seus modos de organização. Para a autora:

A noção de esfera da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica ou da atividade humana ou da comunicação social ou da utilização da língua ou simplesmente ideologia) é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância sócio-econômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada campo. (GRILLO, 2006, p. 143).

O conceito de campo, sem dúvida, na obra dos dois pensadores, é referência para estudiosos da mídia e da linguagem, como no caso do jornalismo e seus gêneros, pois criaram novas concepções sobre a origem da linguagem, a comunicação discursiva, o indivíduo na sociedade e as definições dos campos de produções ideológicas. Bakhtin e Bourdieu são orientações fundamentais para o estudo sobre gêneros discursivos e a relação entre linguagem, enunciados e temas de campos diferentes. O Círculo de Bakhtin realizou análises e definições do conceito de campo da atividade humana (ou da comunicação discursiva), e assim, tornou-se referência para teóricos e pesquisadores. Para Grillo, a linha de pensamento originada por Bakhtin orienta abordagens e caminhos de pesquisa que não se esgotam em uma única disciplina acadêmica. A autora afirma que apesar dos dois pensadores pertencerem a contextos sociais diferentes – pois a obra de Bakhtin e de seu Círculo foi realizada no final da década de 1920 –, ambos buscaram modificar “a inserção da linguagem, do sujeito, da história, da ideologia e do social na área das Ciências Humanas” (2006, p. 137).

Ao tratar da interação verbal, Bakhtin/Voloshinov (2009) estabelece a distinção e a relação entre as interações que ocorrem na ideologia do cotidiano e aquelas que ocorrem nos sistemas ideológicos constituídos. A ideologia do cotidiano é definida como base da construção dos campos ideológicos constituídos e é dividida entre o nível inferior, compreendido como as reflexões do indivíduo, em que a localização e origem de cada um são fatores relevantes, e o nível superior, por meio do contato direto dos sujeitos com esses campos, em trocas de experiências e opiniões e, por isso, com maior possibilidade de serem influenciados. Grillo (2006, p. 138) explica que a interação verbal reúne os principais aspectos da teoria, que são “a relação do enunciado com o contexto social imediato e amplo, o modo de

constituição da subjetividade na inter-subjetividade e a delimitação do conteúdo temático”. A autora destaca que “a interação verbal ocorre entre indivíduos organizados socialmente” e envolve duas condições sócio-históricas. A primeira é a relação entre os coenunciadores em um ambiente social comum, o conhecimento sobre a realidade em que vivem e a avaliação que fazem dessa situação. E a segunda ocorre nas particularidades de cada campo da produção ideológica – a religião, a literatura, o jornalismo etc. – e a relação que esses campos estabelecem com a ideologia do cotidiano.

Para o Círculo de Bakhtin, a consciência individual é constituída no meio social, por meio de ideologias adquiridas na interação verbal. Portanto, a expressão individual sempre será orientada, pois é baseada nas condições sócio-históricas dos sujeitos. Bourdieu (2004), já dissemos, parte do mesmo princípio que o Círculo: o sujeito não é alienado, produto de uma estrutura mecânica sem relação com seu contexto sócio-histórico, mas também não é autoconsciente e livre de coerções. Para o sociólogo, o campo é uma estrutura de relações objetivas entre os posicionamentos dos agentes, que agem segundo quatro coerções: a relação com o *habitus* – modo de agir, gostos e preferências; o capital simbólico – a posição social no campo e o seu reconhecimento pelos companheiros; o capital econômico – renda ou herança; e as possibilidades e impossibilidades oferecidas pelo campo aos seus agentes. Essas posições são apreendidas por relações recíprocas no campo, social e historicamente localizadas (GRILLO, 2006). Conforme a autora, a substituição do termo esfera por campo evidencia como os conceitos das duas obras se encontram em suas afirmações, análises e posicionamentos. No *Marxismo e filosofia da linguagem*, há uma referência ao termo campo, quando Bakhtin/Voloshinov discute as bases para os estudos da ideologia e filosofia da linguagem:

Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2009, p. 33).

O conceito de campo, portanto, foi elaborado na obra do Círculo de Bakhtin na década de 1920 para esclarecer a origem e as características das produções literárias. Depois, na *Estética da criação verbal*, com publicação nos anos 1950, a

noção de campo torna-se chave para as reflexões de Bakhtin sobre o conceito de gêneros discursivos. O filósofo russo estabelece, logo no parágrafo introdutório do ensaio “Os gêneros do discurso”, uma relação intrínseca entre os dois conceitos, afirmando que as formas de uso da linguagem possuem um caráter tão multiforme “quanto os campos da linguagem humana” (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Para a investigação que há algum tempo implementamos acerca do trabalho com os gêneros discursivos do jornalismo na escola, reconhecemos o quanto é fundamental a relação entre os conceitos de campo e gênero discursivo e aqui a defendemos como discussão necessária para os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da LP, quando se trata de transpor os gêneros jornalísticos para a sala de aula.

Dessa forma, justificamos o diálogo entre Bakhtin e Bourdieu, pois analisam a composição dos gêneros discursivos dentro do campo em que estão inseridos. Formulam, portanto, observações de extrema importância para esclarecer como os gêneros são condicionados pelas características de seu respectivo campo, como se relacionam entre si e com gêneros de outros campos e qual a condição do sujeito ao produzir enunciados e temas nos diferentes gêneros pertencentes a um dado campo (da linguagem, na perspectiva bakhtiniana).

Nessa relação entre campo e gêneros discursivos, Bakhtin (2003) afirma que a dificuldade para classificar os gêneros discursivos deve-se à grande diversidade decorrente da complexidade dos campos da atividade humana. O teórico russo investiga as características das unidades da enunciação e da língua e defende a tese de que o campo condiciona os gêneros, a partir dos temas, e que o enunciado constrói-se na sua relação com os coenunciadores – e com os enunciados anteriores.

A expressão do enunciado, em maior ou menor grau, responde, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado. As formas das atitudes responsivas, que preenchem o enunciado, são sumamente diversas e até hoje não foram objeto de nenhum estudo especial. Essas formas diferenciam-se acentuadamente em função da distinção entre aqueles campos da atividade humana e da vida nos quais ocorre a comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2003, p. 298).

Já Bourdieu explica que a hierarquia entre os gêneros do discurso institui quem melhor representa cada campo e que os agentes mais reconhecidos são

aqueles que produzem os gêneros mais significativos em uma dada hierarquia genérica. Grillo (2006) destaca essa relação entre o campo e os gêneros jornalísticos para ilustrar o que estabelece o sociólogo francês. Segundo a autora, aqueles considerados jornalistas dominantes, os mais experientes, têm acesso à produção de editoriais e artigos assinados, enquanto os iniciantes se dividem entre notícias não assinadas no interior do caderno. Em alguns campos, os gêneros são valorizados de acordo com o leitor direcionado, ganhando reconhecimento o agente que escreve para indivíduos do mesmo campo. É o que afirma Barros Filho³ (2008, p. 58), em artigo publicado na revista *Cult*⁴, quando lembra que jornalistas, sujeitos de suas pesquisas, confessaram que “um jornalista escreve para outro jornalista”.

Para se inserir em um campo é essencial o conhecimento e a atualização dos gêneros. Grillo (2006) lembra que os campos possuem uma linguagem própria que nomeia e classifica os agentes e produtos, com o intuito de construir hierarquias e modos de percepção. E mesmo preconizando a relativa estabilidade do gênero, Bakhtin não desconsidera seu caráter normativo, de que não se inventa um gênero a cada vez que se produzem discursos “e cada sociedade, como espaço coletivo construído por sujeitos e construtor de sujeitos, representa o mundo de várias maneiras, a depender da posição relativa que os sujeitos ocupam dela” (SOBRAL, 2009, p. 120). Para esse estudioso do pensamento do Círculo, os campos (esferas, para o autor) são uma espécie de regiões socio-histórica e ideologicamente marcadas, onde se estabelecem relações específicas intersubjetivas, mas não limitadas ao universo da linguagem. Segundo Sobral (2009), uma esfera social estende-se das relações de intimidade familiar às instituições ligadas ao Estado, espaço esse repleto de discursos que se sucedem na interação verbal, a partir, inclusive, de formas fixas e padronizadas.

Na seção seguinte, vamos buscar, com base dos referidos pensadores e de seus postulados, a compreensão de como o campo da atividade humana ou da organização social determina os gêneros, sobretudo aqueles que temos investigados como objetos de ensino e aprendizagem da LP: os gêneros discursivos jornalísticos. Especificamente, vamos ilustrar o funcionamento do campo jornalístico e de como os gêneros são condicionados pela força do referido campo, a partir do que expusemos sobre o conceito em Bakhtin e, sobretudo, em Bourdieu, este último por estabelecer discussões mais específicas sobre alguns campos, dentre eles, o jornalístico.

A relação campo e gênero discursivo no jornalismo

Em um dos poucos textos de Bourdieu dedicados à área da comunicação, e com publicação no Brasil⁵, o sociólogo invoca a noção de campo para se referir ao mundo jornalístico como um “microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte de outros microcosmos” (BOURDIEU, 1997, p. 55). Contudo, faz uma ressalva sobre essa autonomia, sobre possuir as próprias leis, afirmando não significar que a compreensão desse microcosmo não ocorra também, e de forma direta, pelos fatores externos. Exemplificando na esteira do sociólogo, seria afirmar que para compreender o jornalismo da revista *Veja*, do jornal *Folha de SP* e da Rede Globo deve-se levar em consideração o espaço ocupado por esses veículos na relação com outras revistas, jornais e emissoras de TV, respectivamente, a partir desse microcosmo. Sobre essa relação, ressalta o sociólogo:

[Trata-se de] uma concorrência definida em sua forma, de maneira invisível, por relações de força não percebidas que podem ser apreendidas através de indicadores tais como as fatias de mercado, o peso aos olhos dos anunciantes, o capital coletivo de jornalistas prestigiosos etc. (BOURDIEU, 1997, p. 56).

Dando seguimento ao nosso exemplo e ao pensamento do autor, seria afirmar existir uma espécie de interação das emissoras e dos profissionais que dela fazem parte e a presença de “relações de força completamente invisíveis” que possibilita compreender o que vai ser publicado nos diferentes veículos de imprensa concorrentes. Por isso, os que acompanham o jornalismo têm a impressão de que os conteúdos se repetem nos principais jornais diários e nas emissoras de TV.

Bourdieu, em seus postulados, destaca a importância da autonomia dos campos, porém reconhece, no que chama de “absolutamente paradoxal”, outro efeito de campo pouco favorável à afirmação da autonomia coletiva ou individual, no caso específico do jornalismo:

A concorrência incita a exercer uma vigilância permanente (que pode chegar à espionagem mútua) sobre as atividades dos concorrentes, a fim de tirar proveito de seus fracassos, evitando seus erros, e de contrapor-se a seus sucessos, tentando tomar emprestados os supostos instrumentos de seus êxitos [...] (BOURDIEU, 1997, p. 107-108, grifos do autor).

Ainda de acordo com o sociólogo, o campo jornalístico, assim como outros campos, não deixa de estar à prova de uma espécie de ratificação do mercado a partir de sanções diretas e indiretas (nesse caso, aprovações ou reprovações da clientela ou do índice de audiência).

No mesmo texto, Bourdieu delimita como objeto de estudo a influência dos mecanismos do campo jornalístico e as exigências do mercado, por parte dos leitores e dos anunciantes. Em suas palavras, esses mecanismos exercem influência sobre os jornalistas e os intelectuais-jornalistas e sobre outros campos, o da cultura, o jurídico, o literário, o artístico, o científico. Como o próprio autor afirma sobre o campo jornalístico:

Trata-se então de examinar como a restrição estrutural exercida por esse campo, ele próprio dominado pelas pressões do mercado, modifica mais ou menos profundamente as relações de força no interior dos diferentes campos, afetando o que aí se faz e o que aí se produz [...] (BOURDIEU, 1997, p. 101).

Para o sociólogo francês, essa influência do jornalismo sobre outros campos de produção, e a própria lógica de mercado, em nada tem de “novidade radical”. Ele estabelece até um paralelo entre o surgimento da literatura de fins do século XIX, com um número considerável de publicação, uma literatura de caráter mais industrial, e o efeito que a televisão produziu, de forma ampla e intensa, sobre o campo jornalístico.

O jornalismo tem por natureza e finalidade oferecer informações reais e relevantes sobre todas as áreas do conhecimento humano, por meio de uma linguagem clara, que traduza os conceitos de outros campos para o leitor, isto é, os jornalistas estão sempre atentos aos acontecimentos, a estudos, pesquisas, análises, obras e descobertas realizadas e que influenciam a vida das pessoas no seu dia a dia. A relação que o jornalismo estabeleceu com outros campos, a princípio para manter o leitor inteiramente informado, gera consequências de extrema relevância. Cavalcanti (2006, p. 17), à luz de Bourdieu, afirma que a influência do jornalismo sobre outros campos explica-se pelo fato de ser um campo detentor de instrumentos de “produção e difusão das informações”, propiciando a seus agentes visibilidade e permitindo-lhes a imposição “ao conjunto da sociedade seus princípios de visão de mundo, seu ponto de vista, sua problemática”. De acordo com a autora:

O campo jornalístico não é homogêneo, mas sim perpassado por tensões e contradições. Essas, no entanto, são explicadas por meio da noção de campo, isto é, como um embate entre dominantes e dominados: os primeiros, com suas categorias de percepção mais ajustadas às exigências/coerções do campo, seriam menos propensos a mudanças, a diferenças; os últimos, ao contrário, mais propensos a opor a tais exigências os princípios e valores da profissão. (CAVALCANTI, 2006, p. 23).

Dessa forma, conforme Bourdieu (1997), apesar de o jornalismo se concretizar por meio de seus agentes, é a estrutura do campo que determina a intensidade e a orientação dos efeitos causados em outros campos. O campo jornalístico depende de uma relação econômica com anunciantes e leitores para difundir informação. Por isso é que suas ações estão cada vez mais limitadas às exigências da lógica do mercado. O nível de autonomia de um veículo de comunicação é determinado pela renda proveniente da publicidade de anunciantes comerciais e daqueles ligados ao Estado. Além disso, a independência dos veículos de informação e dos jornalistas é ameaçada pela manipulação exercida por fontes oficiais frequentemente procuradas pela mídia, como os representantes do Estado, da polícia, dos campos científico e jurídico.

Para o sociólogo, o campo jornalístico, com frequência, está sujeito a adaptar-se ao mercado ou ao índice de audiência, mesmo que de forma indireta. E os mais dispostos a modificarem algumas normas básicas do jornalismo para angariar audiência são aqueles que ocupam os altos cargos, como os diretores de emissoras ou redatores-chefes, nos meios de comunicação mais voltados para o comercial e, portanto, mais dependentes do mercado. E quanto aos jornalistas mais jovens, o sociólogo afirma que são eles menos estabelecidos e, por isso, “mais propensos, ao contrário, a opor os princípios e os valores da ‘profissão’, às exigências, mais realistas ou mais cínicas, de seus ‘veteranos’” (BOURDIEU, 1997, p. 106).

O pensador francês constata uma série de efeitos provocados pelo campo jornalístico. Um deles é a determinação do que é novo e do que é ultrapassado. A disputa entre os meios de comunicação mais próximos do polo comercial pelo furo, a exclusividade de informação e de reconhecimento do público é baseada na pressa, precipitação e constante inovação. O relato do cotidiano prioriza o imediato e proporciona um acúmulo de informações, que traz como consequência a falta de capacidade em armazenar tantas novidades. Contudo, os furos tão almejados pelos jornalistas “estão destinados a permanecer ignorados pelos leitores ou pelos

espectadores e a ser percebido apenas pelos concorrentes (sendo os jornalistas os únicos a ler o conjunto dos jornais)” (BOURDIEU, 1997, p. 107).

Como forma de ilustração dessa competição no campo, recorreremos ao trabalho realizado por Carvalho (2006), num recorte sobre o comportamento da mídia jornalística, à época da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) dos Correios, em 2005. A autora relata embate travado por duas revistas de circulação semanal (*Época* e *Carta Capital*) e analisa o episódio a partir do conceito bourdieusiano de campo e correlatos. Na ocasião, *Carta* acusou *Época* de ter publicado como “furo” informações por ela anunciadas três anos antes. Segundo a autora, muito provavelmente o episódio passou despercebido pela maioria dos leitores, não só pelo fato de ser pequeno o número dos que se interessam por assuntos políticos em jornais e revistas, como também “pela predominância da televisão como veículo de notícias no país” (CARVALHO, 2006, p. 19). Na medição de força entre as revistas dentro do campo, a autora lembra que *Carta Capital* praticamente sucumbe à concorrente, pois, entre outros fatores, ocorre a valorização de *Época*, por pertencer a um dos grandes conglomerados da comunicação: as organizações Globo. Na conclusão da autora, houve mais que implicações na relação de poder entre os dois campos envolvidos: o jornalístico e o político. O episódio acabou por confirmar que os agentes jornalistas duelam a partir do que parece “permitido e aceito como tática” para a produção de notícias, o que coaduna com Bourdieu sobre as coerções que sofrem os agentes no campo de atuação e com Bakhtin, quando trata das produções ideológicas.

Sendo assim, a disputa diária entre jornais por furos, fontes, fotos e mais uma infinidade de fatores, cria, nas palavras de Bourdieu, uma espionagem mútua. Um critica os erros do outro ou se apropria dos meios pelo qual o outro obteve sucesso. Além disso, existe uma sensação de obrigação entre todos eles em publicar matérias ou críticas sobre determinados temas que estão sendo abordados na mídia. Mesmo quando o assunto não é tão interessante para a linha editorial do jornal, essa regra do campo é obedecida. Quem não respeitá-la receberá menos crédito do público e dos pares, como se não divulgassem todas as informações relevantes à sociedade.

É assim que, nesse domínio como em outros, a concorrência, longe de ser automaticamente geradora de originalidade e de diversidade, tende muitas vezes a favorecer a uniformidade da oferta, da qual po-

demos facilmente nos convencer comparando conteúdos dos grandes semanários ou das emissoras de rádio ou de televisão com vasta audiência. (BOURDIEU, 1997, p. 108).

Podemos ilustrar como funciona a concorrência de que trata Bourdieu lembrando o episódio de 7 de abril de 2011, que ficou conhecido pela mídia jornalística como “O caso Realengo”, em que ex-aluno foi responsável por uma das maiores tragédias recentes, em escola da cidade do Rio de Janeiro. As revistas de cunho jornalístico de maior circulação nacional (*Veja*, *Época* e *IstoÉ*) trouxeram o “massacre” como matéria de capa. De acordo com a citação acima, nenhum veículo de imprensa poderia se furtar, naquele momento, de informar ao público leitor sobre o fato que abalara a opinião pública. Quanto ao tratamento do episódio, devemos levar em consideração que as referidas revistas, mesmo com edição datada para quase uma semana após o ocorrido, começaram a circular no domingo, três dias após o fato, com reportagens que procuraram apontar causas e consequências do crime cometido pelo ex-aluno da escola de Realengo.

Relevante destacar que um texto com base no gênero reportagem requer investigação e aprofundamento dos fatos, o que hipoteticamente não deve ter acontecido, pela característica desse gênero discursivo, na necessidade de nenhuma revista perder para a concorrência a oportunidade de informar ao leitor o acontecimento e toda repercussão. Retomando Barros Filho, no artigo da *Cult*, o campo jornalístico vive diariamente coerções impostas pelo mercado que é compreendido pelos leitores, fontes e, principalmente, pelos anunciantes. São essas coerções que modificam ações e pensamentos no campo e, a partir disso, os preceitos já estabelecidos perdem seu espaço, e aqueles que ainda procuram respeitá-los são “obrigados a fazer concessões à lógica do mercado e do marketing, introduzida pela televisão comercial e a esse novo princípio de legitimidade que é a consagração pelo número e pela visibilidade na mídia” (BOURDIEU, 1997, p. 110).

Ainda assim, o gênero reportagem, utilizado pelas revistas na cobertura do caso de Realengo, cumpre a função à qual foi designado de informar os leitores sobre o episódio de comoção nacional, como aconteceu com outros episódios de igual natureza. O importante é destacar que o gênero em questão, na perspectiva bakhtiniana, faz parte do repertório dos gêneros que emergem de um determinado campo de linguagem, e que a relação com esse campo deve ser considerada para nos permitir a reflexão acerca das coerções exercidas sobre as produções

ideológicas no cotidiano. Na perspectiva bourdiesiana, seria reconhecer não só o papel do gênero dentro do campo, mas também a hierarquia existente entre os gêneros discursivos e, sobretudo, entre os agentes de um mesmo campo.

Considerações finais

Trazer a essa reflexão conceitos de dois grandes pensadores do século passado pode parecer querer aproximar ingenuamente os seus postulados, uma vez que pertencem a diferentes épocas e campos da ciência. Estudiosos que se debruçaram por promover o diálogo, como os citados neste texto, reconhecem que Bakhtin e Bourdieu propuseram significativas teorias sobre língua, cultura e poder. O que buscamos na reflexão foi promover uma espécie de síntese do que estabeleceram sobre o conceito de campo, para a compreensão de que os gêneros não podem ser tratados como formatos de discursos, isolados do “ambiente” de onde emergem. Procuramos evidenciar que tratar os gêneros discursivos, nesse caso jornalísticos, significa considerar o campo com formas próprias de produção, circulação e recepção dos discursos, pelos interlocutores envolvidos no processo de intercâmbio verbo-discursivo.

Como afirmamos, uma parte do repertório de gêneros trabalhados na escola provem do campo jornalístico. Reconhecer e evidenciar a relação entre os conceitos de campo e gênero do discurso, na perspectiva dos dois pensadores, justifica-se pela necessidade de repensar a abordagem do conteúdo jornalístico, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa, quando os gêneros “povoam”, sobretudo, os manuais didáticos, e considerar que por trás daqueles enunciados existem veículos e profissionais que sofrem as coerções do campo do qual fazem parte e que os discursos ali produzidos são oriundos de escolhas determinadas por demandas oficiais e pela lógica do mercado. Sendo assim, entendemos que o diálogo entre Bakhtin e Bourdieu mostra-se profícuo justamente na interseção dos conceitos aqui evidenciados, principalmente o de *campo*, que, já defendemos acima, deve levar a uma reflexão, por parte dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, de que os conteúdos e gêneros jornalísticos compõem um processo de (re)construção da realidade, não sua mera reprodução, como acreditam os leigos.

Notas

* Neil Armstrong Franco de Oliveira é doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2010). Atualmente é Pesquisador da Universidade Estadual de Londrina e Universidade Estadual de Maringá, Professor Adjunto A da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão. E-mail: nafoliv@gmail.com

¹ Trata-se de importante conceito na obra de Bourdieu e que mantém relação com a noção de campo.

² Segundo Grillo, algumas traduções, em outras línguas, ainda trazem o termo esfera. A recente retradução no português substitui o termo por campo. A opção da autora é pelo primeiro. Vamos seguir com a opção pelo último, pela própria leitura de Bakhtin (2003).

³ Clóvis de Barros Filho é professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

⁴ Edição 128, ano 11, setembro/2008, p. 57-58. A edição da revista trouxe uma espécie de dossiê sobre Pierre Bourdieu, elaborado por estudiosos da obra do sociólogo francês.

⁵ Trata-se do livro intitulado Sobre a televisão.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (1953).

_____; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6.ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2009 (1929).

BARROS FILHO, C. de. “A dinâmica dos meios de comunicação”. **Revista Cult**, set/2008, ano 11, número 128, p. 56-58.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.

_____. “A influência do Jornalismo”. In: BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CARVALHO, M. Campo jornalístico e episódio. **Época/Carta Capital**. Disponível em: <http://www.espacoacademico.kit.net/campo_jornalístico.pdf>. 2006. Acesso em 14 de julho de 2008.

CAVALCANTI, J. R. **No “mundo dos jornalistas”**: interdiscursividade, identidade, *ethos* e gêneros. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

GRILLO, S. V. de C. “Esfera e campo”. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. BENTES, A. C.; REZENDE, M. A. R. M. (orgs.) São Paulo: Cortez, 2008.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

Recebido em: maio de 2012.

Aprovado em: agosto de 2012.